

Os sonhos e pesadelos DE PIRANESI

Foi um dos maiores gravadores de todos os tempos. A sua obra apaixonou viajantes, colecionadores, papas e até psicanalistas

Texto de JOSÉ CABRITA SARAIVA

QUANDO OUVIMOS pronunciar ou vemos escrito o nome de Giovanni Battista Piranesi, vêm-nos de imediato à cabeça as suas gravuras de monumentos em ruínas ou de estranhos cárceres. A gravura foi a actividade que lhe garantiu a posteridade, mas não foi de forma alguma a única que exerceu: Piranesi foi também editor, engenheiro, coleccionador, restaurador e comerciante de antiguidades, como nos diz Luigi Ficacci em *Piranesi – Catálogo Completo das Águas-fortes* (Taschen), reedição da obra de referência sobre o artista há muito esgotada.

Piranesi nasceu em Veneza em 1720, filho de um mestre-pedreiro, e recebeu formação em arquitectura, cenografia e gravura. Trabalhou junto de um tio magistrado, responsável pela obra dos muros de protecção de Veneza das águas – mais tarde usou os conhecimentos de hidráulica então adquiridos para fazer os enormes mecanismos,


semelhantes a instrumentos de tortura, que povoam os 'Carceri' (Cárceres).

Em 1740, com 24 anos, chegou a Roma no séquito do embaixador veneziano. O pretexto da visita era prestar homenagem ao novo Papa, Bento XIV, que acabara de ser eleito, mas Piranesi deslumbrou-se mais com a perfeição técnica e a colossalidade da arquitectura da Roma antiga do que com o brilho do Vaticano. Em 1745 começou a série 'Vedute di Roma' (Vistas de Roma), que vendia aos turistas estrangeiros como *souvenirs* da sua passagem pela cidade eterna, e em 1745 atirou-se à tarefa de inventariar os vestígios da arquitectura clássica romana. Visitou escavações, inclusive-

mente encorajado pelo Papa, e estudou ao pormenor as grandes obras da Antiguidade, como o Panteão ou a Cloaca Máxima, o pioneiro sistema de esgotos construído pelos etruscos. Daí resultaram as 'Antichità Romane' (Antiguidades Romanas), publicadas em quatro tomos em 1756.

As gravuras de Piranesi mostram contrastes intensos de luz e sombra. Também ele, na sua personalidade, aliava qualidades contrastantes, como um poder de observação notável e uma imaginação sem barreiras. Como ficou dito em interpretações de inspiração psicanalítica, as suas representações sombrias de prisões imaginárias (hoje chamar-lhes-íamos kafkianas) iluminaram os labirintos mais inacessíveis da mente humana.

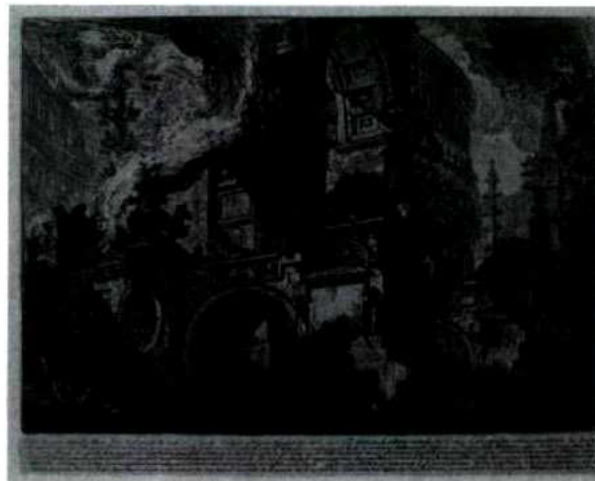
O fim da vida do artista foi assolado por doenças decorrentes da exposição aos químicos corrosivos usados para fazer gravura. Disse um dia **«se me encomendassem a planta de um novo universo, seria suficientemente louco para aceitar o desafio»**. De certa forma foi isso que fez nas suas gravuras: todo um universo mental reproduzido em papel.

Piranesi morreu a 9 de Novembro de 1778. A colecção de chapas de cobre passou para o seu filho, que a levou para Paris. Acabaria por regressar a casa, à sua tão amada Roma, quando foi adquirida pelo Papa Gregório XVI em 1839. 

jose.c.saraiva@sol.pt



EM ROMA,
DESLUMBROU-SE
MAIS COM A
ARQUITECTURA
DA ANTIGUIDADE
DO QUE COM
O BRILHO
DO VATICANO



Duas gravuras: auto-retrato do artista e representação de um porto imaginário